

CAPÍTULO 1

Mas, podereis dizer, pedimos-lhe para falar sobre as mulheres e a ficção. Ora o que tem isso a ver com um quarto só para si? Vou tentar explicar. Quando me pedistes para falar sobre mulheres e ficção, sentei-me na margem de um rio e comecei a interrogar-me sobre o significado das palavras. Poderiam, muito simplesmente, significar alguns comentários sobre Fanny Burney*; mais alguns sobre Jane Austen; um tributo às Brontë e um breve esboço do Presbitério de Haworth coberto de neve; umas palavras irónicas, se possível, acerca de Miss Mitford; uma alusão respeitosa a George Eliot; uma referência a Mrs Gaskell e uma só seria suficiente. Mas, pensando melhor, as vossas palavras não pareciam tão simples. O título «as mulheres e a ficção» poderia significar, e seria essa a intenção, as mulheres como elas são; ou as mulheres e a ficção que escrevem; ou as mulheres e a ficção que é es-

* Fanny Burney (1752-1840) — Romancista, autora do romance *Evelina*. Virginia Woolf chama-lhe «a mãe da ficção inglesa». Mary Russel Mitford (1787-1855) e Elizabeth Gaskell (1810-1865), a seguir referidas, são também escritoras inglesas. (N. T.)

crita a seu respeito; ou, estando estas três hipóteses inextricavelmente associadas, talvez se desejasse considerar estes três pontos de vista. Mas, quando comecei a ter em vista este aspecto, que parecia o mais interessante, rapidamente verifiquei que tinha um inconveniente fatal. Nunca conseguiria chegar a uma conclusão. Nunca conseguiria levar a cabo o que é, julgo eu, o primeiro dever de um conferencista — dar-vos, após uma hora de palestra, um pouco da pura verdade para meterdes no meio das páginas dos vossos cadernos de apontamentos que ficariam na prateleira do fogão de sala para sempre. Só vos podia oferecer uma opinião quanto a um aspecto sem importância — uma mulher tem de ter dinheiro e um quarto só para si, se quiser escrever ficção; e isso, como ides verificar, deixa por resolver o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção. Esquivei-me à obrigação de chegar a uma conclusão relativamente a estas duas questões — as mulheres e a ficção continuam a ser, pelo que me diz respeito, problemas insolúveis. Mas, como compensação, vou fazer o que puder para vos mostrar como cheguei a esta conclusão relativa ao quarto e ao dinheiro. Vou perante vós tentar desenvolver, como me for possível, o encadeamento das minhas ideias, as quais me levaram a pensar desta maneira. De qualquer modo, quando um assunto é altamente controverso — e qualquer questão sobre o sexo o é — não se pode esperar que se diga a verdade. Apenas se consegue mostrar como se defende a opinião que se sustenta. Pode-se apenas dar à audiência a oportunidade de tirar as suas conclusões pessoais, conforme se vão verificando as limitações, os preconceitos e as idiossincrasias do orador. Ora, na ficção é prová-

Um Quarto Só para Si

19

vel que haja mais verdades do que factos. Proponho, portanto, fazer uso de todas as liberdades próprias de um romancista para vos relatar a história dos dois dias que precederam a minha vinda aqui — como, vergada pelo peso do assunto que me puseram sobre os ombros, o ponderei e o desenvolvi dentro e fora da minha vida quotidiana. Não necessito de dizer que o que vou descrever não existe: Oxbridge é uma invenção; Fernham também; «eu» é somente um termo conveniente para alguém que não tem uma existência real. As mentiras hão-de fluir dos meus lábios, mas talvez possa haver alguma verdade misturada nelas; cabe-vos procurar e encontrar esta verdade e decidir se vale a pena guardar qualquer fracção dela. Caso contrário ides atirar, evidentemente, tudo para o cesto dos papéis e esquecer.

Ali estava eu, há uma ou duas semanas atrás, (chamem-me Mary Beton, Mary Seton, Mary Carmichael* ou qualquer outro nome que vos agrade — isso não importa) sentada nas margens de um rio, num agradável dia de Outubro, absorvida nos meus pensamentos. Aquele tema de que falei, as mulheres e a ficção, a necessidade de chegar a uma conclusão sobre um assunto que dá origem a toda a espécie de preconceitos e paixões, fez-me inclinar a cabeça para o chão. À direita e à esquerda uns arbustos de uma espécie qualquer, dourados e carmesim, resplandecentes com uma cor de fogo, pareciam mesmo queimados pelo calor. Mais adiante, na margem, os salgueiros choravam num perpétuo lamento com os cabelos pelos ombros.

* Referência a *Ballad of the Four Marys*. Julga-se que as quatro Marias, de que a autora cita o nome de três, seriam damas de companhia de Mary, rainha da Escócia. (N. T.)

O rio reflectia tudo o que ia escolher do céu, da ponte e da incandescente árvore e, depois de o estudante ter passado a remar pelo meio de reflexos, que de novo se fecharam completamente, como se ele nunca ali tivesse passado. O pensamento — para usar uma palavra mais pomposa do que merecia — tinha abandonado o seu fio no rio. Agitava-se, minuto após minuto, aqui e ali por entre os reflexos e as algas, deixando que a água o levasse e afundasse, até — conheceis o pequeno impulso súbito — atingir a repentina conglomeração de uma ideia na ponta desse fio, a seguir, içá-lo-ia cautelosamente até o poder ver. Ai de mim! Pousado na relva, como ele parecia pequeno e insignificante, este meu pensamento; era como um peixe que um bom pescador lança à água para que cresça e engorde e, um dia, valha a pena cozinhá-lo e comê-lo. Não vos aborreço agora com esse pensamento, embora, se estiverdes com atenção, esteja ao vosso alcance, sozinhas, encontrá-lo no que vos vou dizer.

Mas, por muito pequeno que fosse, tinha, no entanto, uma misteriosa particularidade. Regressado ao espírito, ganhava de imediato emoção e importância; e, conforme se precipitava e mergulhava e surgia aqui e além, provocava um tal marulhar ou tumulto de ideias que era impossível ficar quieto. Foi assim que dei comigo a caminhar com extrema rapidez por um relvado. Imediatamente apareceu a figura de um homem que me interceptou. Inicialmente, nem compreendi que as gesticulações do curioso objecto com um fraque e uma camisa de cerimónia me fossem dirigidas. O rosto exprimia horror e indignação. Mais o instinto do que a razão vieram em meu auxílio: era um bedel; eu era uma mulher. Isto era o relvado; havia

junto uma vereda. Apenas os membros do corpo directivo da universidade e os mestres ali são autorizados; o saibro é o meu lugar. Tais pensamentos foram obra de segundos. Conforme regressava à vereda, os braços do bedel caíram, o rosto assumiu a habitual tranquilidade e, embora a relva seja melhor para andar do que o saibro, a desfeita não foi muito grande. A única acusação que poderia intentar contra o corpo directivo e os mestres, fosse de que Colégio fosse, era a de que para protegerem o seu relvado, cortado há trezentos anos sem interrupção, tinham afugentado o meu peixinho.

Que ideia tinha sido aquela que me levava a tal profanação não conseguia naquele instante lembrar-me. O espírito da paz desceu do céu como uma nuvem, visto que, se o espírito da paz reside em qualquer sítio, está nos pátios e nos relvados rodeados de edifícios de Oxbridge numa bela manhã de Outubro. Passando por entre estes Colégios e não através dos seus corredores, a impressão de severidade que vinha deles parecia atenuar-se; o corpo parecia contido num milagroso gabinete de vidro através do qual nenhum som conseguia penetrar, e o espírito, liberto de quaisquer contactos com os factos (a não ser que alguém atravessasse de novo o relvado), estava em liberdade para mergulhar em qualquer meditação que se harmonizasse com o momento. O acaso quis que a memória perdida de uma antiga tentativa de visitar Oxbridge nas férias grandes me trouxesse Charles Lamb ao espírito — O santo Charles, disse Thackeray, levando uma carta de Lamb à testa. Na verdade, de entre todos os mortos (transmito-vos os meus pensamentos tal como me surgiam) Lamb é um dos mais agradáveis; uma pessoa a quem se teria gostado